Lição 3: Qualidades do Aluno e do Mestre

> *Ora, será dito de modo suficiente se for exposto conforme a matéria que lhe está subjacente. Pois a certeza não deve ser buscada do mesmo modo em todos os discursos, assim como tampouco nas coisas produzidas. Ora, as coisas boas e justas, de que trata a ciência civil, têm tamanha diferença e erro que parecem existir só por lei, mas não por natureza. E também os bens têm um certo erro deste tipo, porque de muitos deles resultam prejuízos; pois já alguns pereceram por causa das riquezas, e outros por causa da fortaleza.*
>
> *É desejável, portanto, ao falar de tais coisas e a partir de tais coisas, mostrar a verdade grosseiramente e em esboço, e, ao falar daquilo que acontece na maioria das vezes e a partir de tais premissas, também concluir tais coisas. [32]*
>
> *Do mesmo modo, também se deve receber cada uma das coisas ditas. Pois é próprio do homem instruído buscar a certeza em cada gênero na medida em que a natureza da coisa a admite. Com efeito, parece coisa aproximada tanto aceitar um matemático que persuade quanto exigir demonstrações de um retórico. [36]*
>
> *Ora, cada um julga bem aquilo que conhece e destas coisas é bom juiz; certamente é bom juiz em cada matéria quem nela é erudito, mas absolutamente o é aquele que é erudito acerca de todas as coisas. [37]*
>
> *Por isso o jovem não é ouvinte próprio da política; pois é inexperiente dos atos que ocorrem no decurso da vida, e os raciocínios procedem destes atos e versam sobre eles. [38]*
>
> *Além disso, sendo seguidor das paixões, ouvirá em vão e inutilmente, porque o fim não é o conhecimento, mas o ato. E em nada difere ser jovem quanto à idade ou quanto ao caráter juvenil;*
>
> *pois a deficiência não provém do tempo, mas do fato de viver segundo as paixões e de perseguir cada objeto delas; para tais homens, com efeito, o conhecimento torna-se inútil, assim como para os incontinentes. [39]*

> *Mas para aqueles que regulam os seus desejos e agem segundo a razão, será muito útil saber destas coisas. E, quanto ao ouvinte, ao modo de demonstrar e ao que nos propomos, seja dito a título de introdução isto que basta. [41]*

32. ***Ora, será dito de modo suficiente*** etc. Depois de o Filósofo ter mostrado qual é o bem que principalmente se intenta nesta ciência, aqui determina o modo conveniente a esta ciência;

e primeiro da parte do mestre;

em segundo lugar, da parte do ouvinte, em: ***Do mesmo modo*** etc.

Quanto ao primeiro, apresenta o seguinte argumento. O modo de manifestar a verdade em qualquer ciência deve ser conveniente àquilo que lhe está sujeito como matéria naquela ciência. Isto ele manifesta a partir do fato de que a certeza não pode ser encontrada nem deve ser exigida do mesmo modo em todos os discursos com que raciocinamos acerca de alguma coisa, assim como também nas coisas produzidas, isto é, nas que se fazem por arte, não há um modo de operar semelhante em todas, mas cada artífice opera a partir da matéria segundo o modo a ela conveniente, de um modo a partir da cera, de outro a partir do barro, de outro a partir do ferro. Ora, a matéria moral é de tal natureza que não lhe é conveniente uma certeza perfeita. E isto ele manifesta por meio de dois gêneros de coisas que parecem pertencer à matéria moral.

33. Pois, primeiro e principalmente, à matéria moral pertencem as obras virtuosas, que aqui chama de justas, de que principalmente trata a ciência civil, acerca das quais não se tem um parecer certo dos homens, mas há grande diferença naquilo que os homens julgam a respeito delas; e nisto ocorre múltiplo erro, pois há certas coisas que por alguns são tidas por justas e honestas, e por outros por injustas e desonestas, segundo a diferença dos tempos, dos lugares e das pessoas; pois algo é tido por vicioso num tempo ou numa região que noutro tempo ou noutra região não é tido por vicioso; e desta diferença ocorre que alguns opinem que nada seja justo ou honesto por natureza, mas somente por instituição da lei; e desta opinião ele tratará mais plenamente no livro V desta obra.

34. Em segundo lugar, à matéria moral pertencem os bens exteriores que o homem usa em vista do fim, e também acerca destes bens acontece encontrar-se o erro já mencionado, porque nem sempre se comportam do mesmo modo em todos; pois alguns são ajudados por eles, ao passo que a outros deles advêm prejuízos; pois muitos homens pereceram por ocasião das suas riquezas, como que mortos por salteadores, e alguns por ocasião da sua fortaleza corporal, na confiança da qual se expuseram incautamente aos perigos. E assim é manifesto que a matéria moral é variável e disforme, não tendo uma certeza de todos os modos.

35. E porque, segundo a arte da ciência demonstrativa, é preciso que os princípios sejam conformes às conclusões, é desejável e preferível, ao fazer um tratado de tais coisas, isto é, tão variáveis, e ao proceder de premissas semelhantes, mostrar a verdade primeiramente de modo grosseiro, isto é, aplicando os princípios universais e simples aos singulares e compostos nos quais está o ato; pois é necessário em qualquer ciência operativa que se proceda pelo modo compositivo, ao passo que, ao contrário, na ciência especulativa é necessário que se proceda pelo

modo resolutivo, resolvendo os compostos em princípios simples;

em seguida, é preciso mostrar a verdade em esboço, isto é, de modo verossímil, e isto é proceder a partir dos princípios próprios desta ciência, pois a ciência moral versa sobre os atos voluntários, e o motivo da vontade não é somente o bem, mas o bem aparente;

em terceiro lugar, é preciso que, uma vez que havemos de falar daquilo que acontece na maioria das vezes, isto é, dos atos voluntários, que a vontade não produz por necessidade, mas talvez inclinada mais a um do que a outro, procedamos também a partir de tais premissas, para que os princípios sejam conformes às conclusões.

36. Em seguida, quando diz: ***Do mesmo modo*** etc., mostra que o ouvinte deve aceitar nas coisas morais o modo de determinar já mencionado. E diz que se deve que cada um receba cada uma , das que lhe são ditas por outrem, *do mesmo modo*, isto é, conforme convém à matéria, porque ao homem instruído, isto é, bem formado, pertence buscar em cada matéria tanta certeza quanta a natureza da coisa permite; pois não pode haver tanta certeza na matéria variável e contingente quanto na matéria necessária, que se comporta sempre do mesmo modo, e por isso o ouvinte bem instruído não deve exigir maior certeza nem contentar-se com menor do que convém à coisa de que se trata. Com efeito, parece ser um erro semelhante se algum ouvinte aceitar um matemático que se serve de persuasões retóricas e se exigir de um retórico demonstrações certas, tais como deve apresentar um matemático; pois ambas as coisas ocorrem por não se considerar o modo conveniente à matéria, pois a matemática versa sobre matéria na qual se encontra certeza de todos os modos, ao passo que a retórica se ocupa da matéria civil, na qual acontece múltipla variação.

37. Em seguida, quando diz: ***ora, cada um julga bem*** etc., mostra qual deve ser o ouvinte desta ciência.

E primeiro mostra quem é o ouvinte insuficiente;

em segundo lugar, quem é o ouvinte inútil, em: ***além disso, das paixões*** etc.;

em terceiro lugar, mostra quem é o ouvinte conveniente, em: ***mas segundo a razão*** etc.

Quanto ao primeiro, faz duas coisas.

Primeiro, apresenta previamente algumas coisas que são necessárias para mostrar o que se propõe. E diz que cada um não pode ter bom juízo senão acerca daquilo que conhece, e assim aquele que é instruído em um gênero qualquer pode julgar bem acerca daquilo que pertence a esse gênero, mas aquele que é bem instruído acerca de todas as coisas pode julgar bem, absolutamente, acerca de todas.

38. Em segundo lugar, em: ***por isso o jovem*** etc., conclui o que se propôs, a saber, que o jovem não é ouvinte conveniente da política nem de toda a ciência moral, que está compreendida sob a política, porque, como foi dito, ninguém pode julgar bem senão aquilo que conhece, e é preciso que todo ouvinte julgue bem acerca daquilo que ouve, isto é, que receba o que é bem dito, mas não o que é mal dito; logo, é preciso que ninguém seja ouvinte conveniente sem ter algum

conhecimento daquilo que deve ouvir; ora, o jovem não tem conhecimento daquilo que pertence à ciência moral, coisas que se conhecem sobretudo pela experiência, e o jovem é inexperiente das operações da vida humana por causa da brevidade do tempo; e, contudo, os raciocínios da ciência moral procedem daquilo que pertence aos atos da vida humana e também versam sobre eles; assim, se se disser que o homem liberal reserva para si o menos e distribui aos outros o mais, isto talvez o jovem, por inexperiência, não julgará ser verdadeiro, e o mesmo se dá nas demais coisas civis; por isso é manifesto que o jovem não é ouvinte conveniente da política.

39. Em seguida, quando diz: *além disso, sendo seguidor das paixões* etc., mostra quem é o ouvinte inútil desta ciência. Aqui se deve considerar que a ciência moral ensina os homens a seguir a razão e a afastar-se daquilo para que inclinam as paixões da alma, que são a concupiscência, a ira e coisas semelhantes. Para estas, certos homens tendem de dois modos:

de um modo, por escolha, por exemplo quando alguém se propõe isto para satisfazer a sua concupiscência, e a estes chama de seguidores das paixões;

de outro modo, quando alguém se propõe de fato abster-se dos prazeres nocivos, mas é vencido às vezes pelo ímpeto da paixão, de modo que, contra o seu propósito, segue o ímpeto da paixão, e tal é chamado de incontinente.

40. Diz, portanto, que aquele que é seguidor das paixões ouvirá esta ciência em vão, isto é, sem qualquer eficácia, e inutilmente, isto é, sem a consecução do fim devido. Pois o fim desta ciência não é somente o conhecimento, ao qual talvez pudessem chegar os seguidores das paixões, mas o fim desta ciência é o ato humano, assim como o de todas as ciências práticas; ora, aos atos virtuosos não chegam os que seguem as paixões. E assim, quanto a isto, em nada difere que sejam afastados da audição desta ciência o jovem quanto à idade ou o jovem quanto ao caráter, a saber, o seguidor das paixões, porque, assim como o jovem quanto à idade falha do fim desta ciência que é o conhecimento, assim aquele que é jovem quanto ao caráter falha do fim que é a ação; pois a sua deficiência não provém do tempo, mas do fato de que vive segundo as paixões e persegue cada objeto para que as paixões inclinam; para tais homens, porém, o conhecimento desta ciência torna-se inútil, assim como também para os incontinentes, que não seguem a ciência que têm acerca das coisas morais.

41. Em seguida, quando diz: ***mas segundo a razão*** etc., mostra quem é o ouvinte conveniente desta ciência. E diz que é muito útil saber das coisas morais para aqueles que, segundo a ordem da razão, satisfazem todos os seus desejos e agem exteriormente.

42. Por fim, faz o epílogo daquilo que foi dito neste proêmio, dizendo que isto que basta seja dito a título de introdução acerca do ouvinte, o que foi tratado por último,

e qual seja o modo de demonstrar, o que foi tratado no meio,

e o que nos propomos, isto é, o que seja aquilo de que esta ciência principalmente trata.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:04:12 by Admin
Updated 15 October 2026 22:24:11 by Admin